

## *Futebol, Sonho e Decepção*

---

*Manoel Salgado Guimarães*

*O Rio corre para o Maracanã  
de Gisella de Araujo Moura.*

*Rio de Janeiro, Fundação Getulio Vargas, 1998.*

No dia 20 de janeiro de 1999, aniversário da cidade do Rio de Janeiro, as comemorações incluíram a reinauguração do estádio do Maracanã em cerimônia que contou com a participação do governador do estado, recém-empossado no cargo, e do ministro dos Esportes. Naquela ensolarada tarde de quarta-feira, enquanto um dos outros pontos centrais da identidade carioca, as praias da Zona Sul, recebiam inúmeros freqüentadores do verão, o Maracanã iria assistir a um “clássico” do futebol em instalações recuperadas, onde o conforto e a segurança do torcedor estariam asseguradas, com a promessa de que o público feminino passaria a ter entrada gratuita nos jogos do campeonato estadual. A imprensa dedicou às festividades uma cobertura cuidadosa como que a afirmar e confirmar a importância e o significado daquele evento. A presença das autoridades atestava a magnitude simbólica do ato, inscrevendo-o como parte da política.

As solenidades comemorativas são momento especial e rico para compreendermos, através das ritualizações, o funcionamento das sociedades e de seu

complexo jogo de significações que torna possível a vida em coletividade. Se, na antropologia, os estudos acerca da importância dos rituais para a vida social têm já uma longa e rica tradição, no campo da história esses estudos são de recente data, tendo sido incentivados pelos trabalhos pioneiros de Mona Ozouf acerca do papel das festas e comemorações por ocasião da Revolução Francesa. Comemorações e festas como parte da cultura política passaram assim a integrar as novas abordagens da política, inscrevendo a história política no quadro de problemáticas em torno do imaginário e do simbólico das sociedades. Nessa linha de preocupações inscreve-se o trabalho de Gisella Moura, instigando-nos a refletir sobre a riqueza de rituais, aparentemente naturais, para a compreensão de nossa história recente. É sobre o complexo processo de construção do futebol como símbolo de uma identidade brasileira, tornado uma natureza, que nos fala este livro, interrogando-se sobre as condições que tornaram possível e desejável essa associação entre o brasileiro e o futebol. Desnaturalizando essa identidade, o livro mostra-nos que ela é histórica, e por isso marcada pelos homens e suas ações num tempo.

Decorrido quase meio século desde sua inauguração em junho de 1950, o estádio do Maracanã, um dos marcos identitários da comunidade nacional brasileira, parecia ter seu papel reafirmado através daquela solenidade do dia 20 de janeiro de 1999: símbolo de uma cidade, expressão de um modo de ser coletivo. Especialmente num momento em que as comemorações pelos 500 anos do descobrimento têm ocupado um lugar central nos meios de comunicação de massa, o tema da invenção nacional e do lugar a ser ocupado pelo país no novo século que se inicia recoloca-se como pertinente e expressivo. Voltar ao passado pode assim ajudar-nos a discutir e inventar o que queremos para o futuro, problematizando aqueles símbolos e momentos mais facilmente perceptíveis como parte de uma identidade social coletiva. A profunda associação entre invenção da comunidade nacional e futebol, a partir da construção do estádio do Maracanã e da IV Copa Mundial que teve o Brasil como sede, é o tema deste instigante trabalho de Gisella de Araujo Moura, que, a partir de sólidas e inovadoras referências teóricas, nos conta uma história, no seu melhor sentido: aquela que fascina seu leitor e que, envolvendo-o no texto, pode levá-lo a pensar sobre um dos dilemas centrais de nossa contemporaneidade, que são as peculiaridades da construção nacional em uma sociedade cindida por diferenças profundas, que parecem inviabilizar as possibilidades de um projeto aglutinador como o pretende ser o projeto das comunidades nacionais.

A autora, a partir de algumas estratégias bastante bem exploradas, como a utilização dos tempos verbais no presente, torna os eventos narrados do passado presentes ao leitor, num exercício que acaba por dotar de vida as experiências do passado, tecidas pelas paixões, desejos e vontades dos homens que fizeram desse

passado sobretudo uma experiência de vida, e não apenas matéria-prima para a reflexão dos historiadores do futuro. O passado desponta assim, no livro de Gisella, não apenas como um conjunto de eventos que se realizaram num tempo distante do nosso, e de cuja inteligibilidade só o passar do tempo e a ciência do historiador poderiam dar conta e sentido, numa postura própria de um narcisismo histórico tão ao gosto de nossa disciplina, especialmente quando de sua institucionalização. O passado é aí um exercício para nos pensarmos continuamente, já que, ao tentarmos interpretá-lo e significá-lo, estamos criando as condições para inventarmos um futuro.

Uma segunda estratégia, esta menos consciente, talvez, funda-se na emoção e na paixão da própria autora pelo tema, o que faz sua narrativa ser marcada pela assinatura de um autor emocionado, e por isso a torna emocionante. Vivemos com Gisella desde os preparativos envolvendo a construção do estádio de futebol, o maior do mundo, acompanhamos os debates políticos implicados na decisão de dotar a cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, de um marco central para o esporte que viria a estar diretamente associado à identidade nacional e à capacidade de realização e à pujança da nação brasileira, até chegarmos à grande tristeza e decepção que no dia 16 de julho de 1950 se abateu sobre uma população incrédula diante da derrota da seleção brasileira para a equipe uruguaia. A derrota poderia significar como que uma metáfora frente ao investimento simbólico e material realizado por uma sociedade em busca de uma identidade.

O livro de Gisella Moura retoma assim um dos temas centrais de nossa historiografia, que desde sua institucionalização no século XIX, se tem ocupado em pensar uma identidade brasileira, como marca diferenciadora e particularizadora de nossa existência social frente a outras comunidades humanas. Desde posturas que lamentavam nossa existência nacional como incompleta e de certa forma “inferior”, até aquelas que buscavam exaltar justamente nossas peculiaridades como sinal positivo, a bibliografia sobre o tema é vasta e diversificada. Escapando dessas polarizações simplificadoras, o livro complexifica a discussão em torno da questão nacional a partir do diálogo com duas disciplinas centrais para o debate contemporâneo acerca do tema: a história da cultura e das representações sociais e a antropologia. Justamente por privilegiar uma abordagem a partir dessas duas disciplinas é que a autora irá fundamentar seu trabalho de pesquisa em fontes hemerográficas, lugar por excelência, nas sociedades contemporâneas, para se acompanhar a construção dessas representações sociais.

No primeiro capítulo, “O Rio se prepara para a festa”, podemos acompanhar o processo de invenção do futebol como esporte nacional no Brasil, um esporte que curiosamente tem suas origens marcadas por forte traço elitizante. Como parte dessa invenção social estaria também a construção do estádio do

Maracanã, marco significativo de um processo que procurava articular virtudes cívicas e esporte como que a justificar os vultosos investimentos realizados para a construção daquela obra monumental. Aliás, esse aspecto de monumentalidade e sua associação à nação são indicados pela autora, que, valendo-se de referências a Le Goff e a Pierre Nora, procura explorar os aspectos relativos a um esforço de memória próprio das sociedades contemporâneas, as quais, em virtude da aceleração do tempo, se vêem como sociedades que, por não viverem mais de memória, necessitam de “lugares de memória”. É recorrendo também às sugestões de Norbert Elias que Gisella Moura procura investigar e compreender o esporte como parte daquilo que o autor veio a definir como “processo civilizador”. Um esforço para ordenar a vida coletiva, canalizando de forma produtiva uma força que, deixada sem controle, poderia impedir essa mesma vida coletiva. Se pensarmos as nações como parte desse mesmo esforço de controle próprio do processo civilizatório, teremos um rico filão a ser explorado e que a autora soube muito bem articular. O tema da civilização, aliás, reaparecerá no último capítulo, quando o Brasil, ainda que derrotado, sabe portar-se “civilizadamente” frente à experiência da derrota. Preservava-se assim uma imagem central para a identidade brasileira.

O segundo capítulo, “O escrete brasileiro – da consagração antecipada ao descrédito absoluto”, leva-nos pelos complexos meandros pelos quais o escrete nacional se torna expressão representativa da nacionalidade brasileira, num processo em que a torcida vem a se identificar com o selecionado e a se constituir “na pátria em calções e chuteiras”. A definição da equipe que iria representar o Brasil no campeonato mundial demandou inclusive a viagem de dirigentes ao exterior para observar os times que iriam competir com o Brasil, num claro sinal da importância e significado do evento para a sociedade brasileira. Mais do que um bom desempenho dos jogadores brasileiros, o que estava em jogo era uma certa imagem do país diante do mundo, de olhos postos atentamente sobre a cidade do Rio de Janeiro.

No terceiro capítulo, “De portas abertas para o mundo”, a tão sonhada identificação entre torcida e seleção parece finalmente se concretizar, após a derrota do escrete brasileiro para o time suíço no estádio do Pacaembu, em São Paulo. A imagem do Rio de Janeiro como representação mais legítima da nacionalidade brasileira, na diversidade de sua população, é novamente explorada em oposição a São Paulo, mais voltado para os interesses regionais e cuja platéia vaiara a seleção por seu desempenho no jogo contra a Suíça. Patriotismo e civismo parecem definitivamente associados na busca pela vitória final na IV Copa Mundial, capaz de projetar definitivamente o Brasil no cenário internacional. E nesse processo a cidade do Rio de Janeiro e sua população pareciam

mostrar-se mais apropriadas e portadoras das virtudes cívicas necessárias na hora do embate final. O Rio de Janeiro poderia melhor sintetizar as virtudes nacionais.

Finalmente, o último capítulo, que dá título ao livro, tematiza e explora o significado da partida final pela disputa da Copa, quando o inesperado acontece, colocando uma sociedade diante daquilo que parecia impossível: a derrota frente à equipe celeste uruguaia. O sonho de uma nação desfazia-se com aquele segundo gol, que, mais do que a derrota, parecia sinalizar um destino trágico para uma sociedade envolvida em seu projeto de construção de uma identidade coletiva. Através de uma narrativa pautada por frases curtas, a autora consegue recriar uma atmosfera de tensão, que permite ao leitor imaginar-se naquele estádio, naquela tarde de domingo. Somos levados, em poucas páginas, da euforia contagiante de uma população que só aguardava os 90 minutos regulamentares para extravasar sua felicidade e afirmação de supremacia, à decepção e tristeza que tomou essa mesma população quando o jogo terminou. O pesado silêncio que se abateu sobre o Maracanã misturava dor e incredulidade.

Se a história como conhecimento rigoroso não pode dispensar a imaginação, igualmente não pode abrir mão da análise. Desse equilíbrio bem dosado nasce um bom livro de história, lição bem aprendida pela autora. Privilegiando um momento-chave da disputa pela Copa, Gisella Moura procura extrair a multiplicidade de significados em jogo: na construção do estádio, metaforizava-se a construção de um país que se idealizava; os espectadores eram uma síntese da própria população brasileira. Mas como explicar a derrota? Curiosamente, nos mostra a autora, a associação entre patriotismo e futebol, claramente assumida pelo discurso oficial, tornou a responsabilidade um fardo pesado para os jogadores da seleção. A figura do prefeito do Distrito Federal, Mendes de Moraes, com seu discurso de abertura da Copa, é ironizada, e sua fala é responsabilizada, por ter sido imprópria para o momento: o prefeito cobrou dos jogadores uma atuação à altura dos esforços do governo para a construção daquele estádio, que deveria ficar gravado para sempre como um dos marcos centrais da vida da cidade. Se a derrota comprometia a possibilidade de associar a identidade brasileira a alguns valores importantes, por outro lado ela forneceu elementos significativos para associá-la aos valores da civilização. Futebol e brasileiro pareciam, assim, definitivamente associados. Não por natureza, mas pela história, cuja compreensão fica mais clara a partir do trabalho de Gisella Moura.